

POPULISMO CONTEMPORÂNEO E A NOVA (CIBER) POLÍTICA: UMA NOVA FORMA DE SE FAZER POLÍTICA POR MEIO DA APROXI- MAÇÃO DE IDENTIDADES DIGITAIS

CONTEMPORARY POPULISM AND THE NEW (CYBER) POLITICS: A NEW WAY OF DOING POLITICS THROUGH DIGITAL IDENTITIES APPROXIMATION

DOI: 10.29327/252935.12.2-2

Danilo Porfírio de Castro Vieira¹

Lucas Soares Portela²

Rebeca Souza Rabelo³

Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

Centro Universitário de Brasília

Brasília - Distrito Federal - Brasil

Resumo: Este artigo visa analisar o populismo por meio da ótica da teoria construtivista e da interdependência complexa. O uso ativo das redes sociais pela população proporcionou aos líderes populistas contemporâneos uma nova forma de se fazer política. O discurso do “nós contra eles” é um chamado para renovar a esperança do povo que está desapontado com a política comum. Há também um novo desenho do líder populista, que deixa de ser o “grande pai”, intangível, revestido de áurea de sacralidade e assume o papel do “igual”, o que tem a mesma origem, o canalizador de voz dos não ouvidos. O artigo está dividido em três partes. Na primeira serão abordadas as condições para o surgimento do populismo, os conceitos de construção de identidade, a visão “Self” para “Other” de Wendt e o papel do povo sob a ótica populista. Na segunda parte, o centro do debate é sobre as comunidades, o populismo e a democracia digital. Por último, será analisado o papel da mídia em questões que envolvam Hard e Soft power de Nye através de uma das faces do poder cibernético.

Palavras-chaves: Populismo. Povo. Democracia. Redes Sociais. Poder Cibernético

Abstract: This paper aims to analyze populism through the lens of constructivist theory and complex interdependence. The active use of social media by the population has provided contemporary populist leaders with a new way of doing politics. The discourse of "us against them" is a call to renew the hope of the people who are disappointed with ordinary politics. There is also a new design of the populist leader, who is no longer the "great father", intangible, clothed with the aura of sacredness, and assumes the role of the "equal", the one with the same origin, the voice channeler of the unheard. The article is divided into three parts. In the first part the conditions for the emergence of populism, the concepts of identity construction, Wendt's "Self" to "Other" view, and the role of the people under the populist view will be addressed. In the second part, the focus of the discussion is on communities, populism and digital democracy. Finally, the role of the media in issues involving Nye's Hard and Soft power will be developed through one of the faces of cyber power.

Keywords: Populism. People. Democracy. Social Networks. Cyber Power

Recebido: 04/03/2021

Aprovado: 16/04/2021

DOI: <https://doi.org/10.29327/252935.12.2-2>

¹ dapocavi@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0789-863X>

² lucas.portela@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9877-161X>

³ rebeca.rabelo@outlook.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0644-9792>

Introdução

A política populista esteve presente em diversos tipos de regimes políticos. Na década de 1930 houve uma predominância destes governos na América Latina como Vargas (1930-1945) no Brasil, Perón na Argentina (1946-1955) e Cárdenas (1934-1940) no México. Esses governos lutavam contra as instituições que não funcionavam, Cárdenas acelerou o processo da reforma agrária, Perón e Vargas priorizaram os trabalhadores, formulando políticas para industrialização que foram importantes para a economia da época. Os três presidentes eram vistos como “heróis” do povo, sacralizados (intangibilizados) por um aparato publicitário-público de valorização da imagem.

Para o estudo dos movimentos populistas contemporâneos serão observados líderes como Jair Bolsonaro e Donald Trump. Ambos não mais se apresentam como grandes pais, mas como pessoas comuns, de mesma origem e linguagem (oriundos de um mesmo nicho social, de classe, compartilham de um mesmo ideal e valores), usam seus discursos contra o aumento da imigração, as influências de outros países, defendem políticas internas e protecionistas. Os discursos desses líderes normalmente se baseiam no patriotismo exacerbado, gerando uma dificuldade para as estruturas interdependentes do sistema internacional.

Durante a corrida presidencial de 2016, o ex-presidente Trump, usou o Twitter como meio para alcançar o seu eleitorado, com isso ficou cada vez mais evidente que a mídia teve um papel fundamental no estreitamento da relação entre candidato e eleitor. As redes sociais facilitaram para a sociedade expressar suas revoltas e ao mesmo tempo a internet abriu espaços para debates. A polarização política e as discussões entre direita e esquerda mostraram que as redes sociais são as novas ferramentas da política e o líder que está disposto a usá-la consegue chegar ao poder. A convergência de identidades também faz parte desse processo, quando o indivíduo acha seu local de fala e pode compartilhar seus sentimentos com outras pessoas que sentem o mesmo.

Este artigo buscará entender como as redes sociais possibilitaram a construção de identidades coletivas no Brasil e nos Estados Unidos, visto que há uma certa semelhança na forma em que os dois líderes ganharam as eleições presidenciais de 2016 e 2018, respectivamente. Para ir mais além o presidente Bolsonaro nutria uma admiração muito grande pelo ex-presidente americano, chegando a incorporar certos comportamentos e preferindo agendas comuns as estadunidenses. Assim é necessário entender como o populismo funciona no âmbito internacional, pois partimos do entendimento que dependendo do grau de influência do qual goza um Estado no sistema internacional, pode haver alinhamento de políticas e até mesmo ofensivas a países que não seguem o mesmo

tipo de governo, levantando o debate sobre interdependência, pois em um mundo cada vez mais globalizado a interdependência entre os Estados se torna inevitável.

1. Populismo e a convergência de identidades

O resultado das eleições municipais, em 2016, expôs um clima antipolítico no Brasil. A crise econômica, o sentimento de que os políticos permaneciam os mesmos, os escândalos de corrupção e o impeachment da então presidente Dilma Rousseff (2011-2016) mostraram o quanto os eleitores brasileiros estavam cansados da velha política e repudiavam a maioria dos candidatos. Nos EUA, a eleição de Trump revelou o desânimo da população para com o *establishment*. O seu discurso autocrata e viril conquistou os eleitores americanos que se sentiam prejudicados pela globalização. A ascensão populista é uma resposta às mudanças estruturais pelas quais o mundo vem passando devido às diferentes crises, e alguns Estados se comprometeram a cuidar das suas identidades para que estas não se percam por conta da globalização.

O momento em que o indivíduo tem conhecimento da sua identidade e de qual grupo ele pertence ou quer pertencer o faz achar o seu local de fala, onde ele pode externalizar suas paixões e receios. Wendt afirma que “A estratégia construtivista trata a identidade e os interesses como endógenos à interação [...] A mudança estrutural ocorre quando os atores redefinem quem são e o que querem.” (Wendt, 2014, p. 406). Assim, a identidade coletiva em um governo populista é algo extremamente importante, o reconhecimento do “nós” como atores de uma sociedade é o que motiva esse movimento.

A teoria construtivista tenta entender a consciência ou percepção humana nas relações internacionais. Os eleitores de líderes populistas têm esperanças e acreditam que toda e qualquer melhoria da situação do país só acontecerá a partir da ação de um líder altamente viril. O movimento populista é fortalecido pela identificação entre o indivíduo e o líder, sem intermediários institucionais, um líder que busque dar voz aos interesses coletivos da população:

Interesses coletivos significam que os atores fazem do bem-estar do grupo um fim em si mesmo, o que por sua vez, os ajudarão a superar os problemas de ação coletiva que afligem os egoístas. Quando sua cultura é ameaçada, atores bem socializados tendem instintivamente a defendê-la. Os atores ainda são racionais, mas a unidade com base na qual ele calcula a utilidade e a ação racional é o grupo (Wendt, 2014, p. 406).

Mediante a análise dos discursos dos agentes podemos ver “uma realidade social para si mesmos como seres humanos” (Onuf, 1998, p. 64). O mundo social, a construção da sociedade pelos indivíduos, é um mundo onde crenças, discursos e linguagens definem como estes veem os Estados. A abordagem empírica do construtivismo para análise do populismo revela que o mundo social e o

político compartilham concepções comuns.

A soberania e a identidade do Estado são apresentadas por seus principais representantes, que são eleitos pelo povo. A cultura e o sentimento de se reconhecer em algo ajudam a definir os interesses e a estabelecer os atores no sistema. Assim, percebe-se uma ligação entre a forma de agir dos populistas com a construção da identidade política dos Estados. Essa construção pode vir a afetar a forma como os Estados se enxergam no sistema e como as suas sociedades virão a interagir. De acordo com Hopf (2002, p. 294), a política mundial “tem subculturas e cada uma delas só pode ser compreendida examinando-se a forma como os Estados constituem em si mesmo em suas sociedades”. Desse modo, padrões das estruturas e os agentes dos Estados se orientam para servir seus interesses e preferências.

Durante o período que vai de 1930 até o final de 1960, com a adoção do modelo de desenvolvimento e industrialização na América Latina, o populismo teve sua época de ouro. No populismo latino-americano, a elite latifundiária e os interesses de estrangeiros representavam os maiores inimigos do povo. Atualmente, na América do Norte, os inimigos são políticos corruptos, imigrantes e o desemprego. A ascensão do populismo não é um fenômeno que ocorre apenas em países menos desenvolvidos ou com uma democracia mais frágil, todos os governos estão sujeitos:

A maior parte dos movimentos políticos de importância significativa é populista em algum grau, mas isso não os torna fascista e nem mesmo intolerantes. Se procuram limitar a imigração ou expandi-la, criticar ou defender o islã, promover a paz ou causar agitação clamando por guerra, todos são democráticos desde que suas metas sejam perseguidas por meios democráticos (Albright & Woodward, 2018, p. 233).

O sentimento de pertencimento entre os cidadãos e o Estado é crucial para a definição das políticas externas dos países e por conseguinte, do sistema internacional. Para Wendt (2014, p.408), a identidade coletiva é um fator importante para a política externa, pois “a formação de uma identidade é a mesma, ou seja, a redefinição dos limites do *Self* e do *Other* de modo a constituir uma ‘identidade em um grupo comum’ ou um sentimento de nós”. O povo constitui uma comunidade que, de acordo com Bauman (2001, p.12), é um lugar “onde nos sentimos quentes e seguros e onde existe uma confiança mútua e onde não há confusão e nem motivo para esta”.

Quando, contudo, a fronteira política entre o povo e o “*other*” rompe, surgem várias alternativas. Ou um sistema de diferenças pode se desenvolver dentro do qual uma pluralidade de identidades se torna institucionalizada, ou uma redefinição do antagonismo populista pode surgir. Logo, a ruptura das identidades populistas pode levar à divisão das identidades sociais e também ao colapso de todas as relações de representação, pois:

A formação da identidade coletiva na política internacional não acontece numa tá-

bula rasa, mas contra um fundo cultural em que a resposta dominante para mudanças no ambiente tem sido egoísta, tanto na forma extrema da inimizade quanto na forma mais branda da rivalidade (Wendt, 2014, p. 410).

Panizza (2005) argumenta que os partidos populistas são os únicos que buscam mobilizar as paixões do povo, o que acaba criando uma forma típica de identificação. Podemos ver que o vínculo carismático entre o líder e os seguidores é uma premissa para os políticos populistas. Eles devem ser vistos pela população como homens e mulheres comuns, que não estão contaminados com o lado obscuro da política, que não fazem um discurso convencional e adotam o estilo direto, e às vezes até mesmo ofensivo.

Canovan (1999, p. 6) explica que “a política populista tem sabor revivalista”. Albertazzi & McDonnell (2008) reconhecem a existência de três condições para o surgimento do populismo: ideológica, social e política.

A terceira condição ilustrada por Albertazzi e McDonnell (2008), a política, é a responsável pelo surgimento dos novos movimentos populistas. A crise das estruturas pode ser explicada por Wendt (1994). O autor afirma que as estruturas são determinadas por assimilações, expectativas ou ideias que são compartilhadas, o que pode deixar os atores do sistema internacional em uma situação de cooperação ou conflito. Assim, a personificação do poder político pelo populista é vista pelo cidadão como uma resposta para a crise das estruturas, sendo a mídia um grande catalisador do movimento perante o povo. Isso explica a necessidade de compreender, através da relação entre identidades no espaço cibernético, como um líder populista utiliza esse ambiente como um instrumento novo para se fazer política.

1.1. Distinções entre o populismo tradicional e o populismo contemporâneo

O paradigma de populismo contemporâneo parece se distinguir, seja no “modus operandi” como em sua justificação, no modelo de populismo que prevaleceu no século XX. No modelo “tradicional” de populismo, o que se observa é que o líder carismático não é apenas um canalizador de vozes, mas alguém ungido, envolto de uma áurea de sacralidade, de intangibilidade.

O discurso viril, chauvinista, que justifica a ação dura, autoritária, é legitimado pela ascensão pela providência. O populista tem uma missão providencial de conduzir seu povo, de protegê-lo como um grande pai, dadivoso, porém implacável, e infalível, como um Adonai de carne e osso.

Seja no fascismo italiano, no nazismo, no caudilhismo latino-americano ou no stalinismo e suas derivações, o líder assume um papel de intangibilidade, onipresente, porém inacessível. Sua imagem é venerada como a de um herói, uma santidade, uma modelo a ser seguido, uma inspiração. É a encarnação virtuosa da nação, da pátria. Assume para si os valores sagrados civis nacionais, que

une, justifica a existência do próprio povo.

Todo um aparato publicitário e securitário garante a transcendência da imagem do líder, perpetua o imaginário coletivo do chefe da nação, não se permitindo questioná-lo ou parodiar, sendo um ato de profanação; uma corruptela do sagrado secular desenvolvido na modernidade.

A modernidade desenvolveu um paradigma identitário-atomicista-emancipacionista-secular, autoconstruído, estabelecido na autodeterminação, acima das tradições, valores pré-estabelecidos e superstições.

O ser humano, porém, é um ser social-cultural, que se insere em um modelo de identidade coletiva, que lhe dá pertencimento e intangibilidade. Nesse sentido, a cultura é um processo simbólico, que determina a formação do indivíduo dentro do seu espaço de convivência. Identidade é um fato de socialização, que determina a ação do homem dentro de padrões de personalidade modais.

Essas personalidades modais sujeitam-se a representações mentais de percepção e reconhecimento. Representações objectais, a exemplo de emblemas, bandeiras, símbolos e heróis, que reafirmam a pertença coletiva, afirmando a relação binomial individualidade e unidade (reificação da coletividade, Bourdieu 2012, p. 111-113).

Há então um sentido de sagrado (diga-se intangibilidade), comportamentos coletivos espiritualizados, justificadores (Eliot, 2011, p. 29). No sagrado se busca o autoentendimento e no sentido de sua vida em seu meio (Caillois, 1980, p. 18-20), uma experiência numinosa e compartilhada, ao mesmo tempo subjetiva e alterizante (Otto, 2005, p. 40).

A sacralidade, todavia, não pode ser reduzida à religiosidade (Crippen, 1988), estando inclusive na sociedade moderna dita desencantada. Exemplos de expressões sagradas são os ritos nacionalistas (paradas, desfiles, cultos, símbolos, como a bandeira, o hino, o culto ao herói e a veneração ao líder), que têm como função agregar identitariamente, apresentando sentidos transcendentais (sagrado civil).

O populismo contemporâneo não apresenta a intangibilidade do populismo do século XX. Observa-se que o procedimento legitimador se pauta na retórica da unidade pela igualdade. O líder populista contemporâneo é viril, tem linguagem chauvinista, ações duras, truculentas e autocráticas, mas sua ascensão se faz pela retórica da proximidade, do acesso direto. O “mito” não é intangível, perfeito, ideal, pelo contrário, apresenta-se como igual a todos, homem comum, de linguagem comum, que deixa claro que fala e pensa como o homem médio, seja um grupo específico, ou difuso.

O líder populista é alguém que também se diz cansado e frustrado com o *establishment*, compartilha valores econômicos, políticos, morais e religiosos, além dos anseios da coletividade. Enfatiza sempre sua origem modesta, como acontece no populismo latino-americano, ou no sucesso

alcançado graças ao modelo e valores compartilhados pela coletividade, como acontece como nos EUA.

Já se observa no final do século XX a transição entre os dois modelos na América Latina, a exemplo dos governos Hugo Chaves (na Venezuela) e Lula (Brasil). Personalidades viris, de posicionamentos fortes, polêmicos em diversos momentos, que se apresentam como homens comuns, inclusive advindos de classes sociais marginalizadas, apresentando-se ao homem médio como iguais, ou seja, suas ascensões representam o alcance popular do poder político.

Utilizaram-se de políticas distributivas com uma retórica personalista (“nunca antes no país” / “antes dele isso não existia”), com ranços paternalistas. Porém, mesmo iguais, foram e ainda são tratados como imaculados, virtuosos e perseguidos.

Recorrem a linguajar fácil, acessível, fazendo uso não só de recursos publicitários sofisticados de autopromoção, como no caso específico do Brasil, mas também das redes sociais para estabelecer elos comunicativos. O novo populismo e sua comunicação direta e simples se aproveitam intensivamente dos espaços cibernéticos.

2. Espaço cibernético como instrumento do populismo

A política populista vai muito além de propostas nacionalistas e se movimenta por todo o espectro de direita e esquerda. Existe uma certa insistência em tornar políticas populistas e de extrema direita sinônimos ou agrupar todos os populistas na bandeira do populismo de direita radical e até mesmo do fascismo. Para Carneiro (2009), o populismo é compatível com qualquer ideologia política de esquerda ou direita, reacionária ou progressista, reformista ou revolucionária e também combina com qualquer programa econômico. O populismo ocorre quando existe uma fragilidade nas entidades representativas do Estado.

Para Abertazzi e McDonneell (2008), o populismo é uma ideologia que coloca um povo virtuoso contra um conjunto de elites e os perigosos “outros”, que juntos tentam privar o povo soberano de seus valores e identidades. Canovam (1999, p. 2) afirmam que “o apelo populista é diversificado”, por isso os “outros” em oposição ao povo, podem ser apresentados em termos econômicos, políticos ou uma combinação dos dois, como a plutocracia, ou qualquer outro grupo que possa impedir o povo de alcançar a plenitude de um sistema de representação para aqueles que nunca foram representados (Panizza, 2005).

As mudanças e a pluralidade de demandas fazem emergir uma identidade populista, o que ajuda a reestabelecer o sentimento de unidade, porém o populismo não é só sobre a construção de uma nova identidade, mas também sobre dar voz para aqueles que nunca se sentiram representados

(Panizza, 2005). Nesse caso, o populismo torna-se um modo de identificação acessível para qualquer ator político, que opera principalmente no campo do discurso, em que há o embate entre os poderosos e os impotentes.

Panizza (2005) atesta que o populismo atravessa também a linha do público e do privado, e traz para o debate político desejos individuais e coletivos que antes não tinham espaço na vida pública. Por isso, a atuação populista no espaço cibernético busca utilizar ferramentas de comunicação, como as redes sociais, para demonstrar feição com desejos individuais e coletivos, moldando comportamentos e angariando seguidores. Mas qual a verdadeira importância de se alcançar o cidadão também no espaço cibernético?

Albertazzi e McDonneell (2008) ao estudarem o populismo trazem para o centro do debate qual é o verdadeiro papel do “povo” para o discurso populista, afinal sem o povo todo esse discurso não haveria de fazer o menor sentido. Ao estudarem os governos populistas da década de 1930 na América Latina, esses autores compreenderam que, apesar da particularidade de cada realidade, o povo é o detentor do poder de escolha. Mesmo que as relações entre povo, populismo e democracia sejam ambíguas e complexas, o espaço cibernético é um ambiente em que as relações sociais se mantêm mais pungentes e intensificadas (Castells, 2003). Por isso, esse ambiente vem sendo utilizado pelos governos populistas contemporâneos como uma forma de alcançar o povo de maneira mais direta, dentro do exercício de democracia digital. O uso das redes sociais permite aos políticos populistas não se limitarem e desenvolverem estratégias baseadas no conceito de democracia populista.

A fluidez da espontaneidade populista foi capaz de conquistar diferentes gerações e sua força política se mostra cada vez mais forte na época atual. Ao analisar o populismo nota-se que ele é usado como um método para se chegar ao poder, “quando vitoriosa tende a se apoiar na legitimidade conferida pelos eleitores para concentrar poder no executivo e erodir as instâncias de controle externo” (Carneiro, 2009, p. 24).

Com relação ao uso da retórica, é possível afirmar que as possibilidades de alcance geradas pelas novas tecnologias, em especial, o espaço cibernético, explicam a razão do populismo ser característica da atual política. Isso também é observado por Panizza (2005, p.1), que afirma que o populismo é “parte da paisagem política moderna e permanecerá futuramente”. A aproximação dos atuais líderes é maior com o uso da internet, pois permite que o populista utilize perfis em redes sociais para se comunicar. De acordo com Panizza, o populismo pode ser identificado a partir de três elementos: modo de identificação, processo de dominação e dimensão política.

Albertazzi e McDonneell (2008) consideram que o líder populista complementa a brecha

existente entre uma sociedade estável dominada e uma sociedade que enfrenta uma fase de modernização, onde ele tem, por obrigação, que realizar um papel de ator sócio-político. O líder, assim, faz-se mais próximo de seu eleitorado, apresentando-se como um ator social que pode se aventurar na arena política para defender os interesses do povo que o elegeu.

A retórica sempre foi a maior ferramenta dos líderes populistas, além do carisma. No populismo tradicional, os discursos eram feitos em palanques para multidões de eleitores. As palavras ditas criavam uma aproximação entre candidato e eleitor. Já no populismo contemporâneo, os discursos passaram a ser escritos no *twitter* ou até mesmo falados em *lives* ao vivo pelo *facebook*. O uso das mídias sociais tornou o contato entre o povo e o líder ainda mais próximo, possibilitando um contato até mais afetuoso.

O volume de informações que chega com o uso da internet faz com que a sociedade precise ter uma opinião sobre tudo. O que torna a política atual mais peculiar: a nova roupagem da linguagem política possibilitou que as mais diversas ideias e ideologias possam ser debatidas por pessoas fora da esfera política em menos de 140 caracteres, tornando tudo mais instantâneo e fluido.

Embora parte considerável desses perfis seja administrada por uma equipe de assessores, a possibilidade de ler algo que seja direto de seu candidato provoca no eleitor um sentimento de proximidade. Pessoas comuns de fora da vida política têm a possibilidade de realizar comentários nas postagens de seu político favorito, recebendo posteriormente a popular “curtida”. Dessa forma, diante do tradicional cenário dos comícios, as redes sociais permitem uma constante exibição de palanque dentro da política em uma aproximação direta com o eleitorado, mais ainda do que a própria exibição pública.

3. Uso do Poder Cibernético

Embora a invenção da internet decorra do século XX, o espaço cibernético como conhecemos é algo muito recente (Portela, 2018). De forma direta ou indireta, esse ambiente afeta todos os temas referentes à ciência política e às relações internacionais. Dessa forma, é um espaço que também impacta nas relações entre políticos populistas e seu eleitorado, aspecto que será abordado aqui.

3.1. Faces do poder cibernético

As redes sociais desempenham um papel especial na vida dos indivíduos. O sentimento criado ao usar o Facebook e o WhatsApp, dentre outros, é de que se está mais próximo das coisas que gosta, sentimento que é confrontado quando os usuários se deparam com ideias diferentes das que estão acostumados a ver em suas *timelines*. As eleições brasileiras de 2014 e 2018 mostraram que os can-

didatos usaram o poder das redes para alinhar seus planos de governo aos desejos e anseios da população:

Em função do papel das redes sociais, partidos e personalidades tradicionais na política deram lugar a uma das maiores renovações parlamentares desde o período da redemocratização. Por outro lado, houve aumento da fragmentação tanto da sociedade como dos partidos políticos (Caldas & Prieto, 2018).

No populismo tradicional houve o uso de técnicas comportamentais para gerar uma aproximação com o povo, como foi o caso da criação da Voz do Brasil na era Vargas, ou dos comícios realizados por diversos partidos. O novo populismo se fortaleceu ainda mais a partir do momento em que os políticos e os partidos perceberam a importância das redes sociais para o jogo político. O papel ativo nas redes sociais do líder populista o aproxima de seus eleitores e seguidores. Para Nye, “A difusão de poder no domínio cibernético é representada pelo grande número de atores e a redução relativa dos diferenciais de poder entre eles” (Nye, 2012, p. 61, tradução dos autores). Ao relacionar o populismo com as faces do poder cibernético de Nye, é possível visualizar de forma prática o comportamento do eleitorado e a forma com que o líder se adapta para conquistá-los.

Para Nye (2012), o poder é a capacidade de estabelecer um certo tipo de comportamento e resultados, criando agendas no sistema internacional e delineando predileções e interesses. O autor também divide o poder em “*resources*” e “*behavioral*”. Ambos são usados nas políticas internacionais e são vistos, principalmente, quando se trata do poder militar e do poder econômico.

O intuito do chamado por Nye (2012) de *Hard Power* é conquistar e se manter no poder, seja através do uso da força ou da coibição. Nas ações militares, as forças armadas são um dos instrumentos mais conhecidos desse tipo de poder. Por sua vez, o chamado *Soft Power* ou poder brando é a forma de conquistar o mesmo objetivo do *Hard* por meio do consentimento, convencendo pela influência ideológica ou cultural e até econômica (Nye, 2012). No decorrer do tempo, a força militar deu lugar à força econômica e agora se observa a necessidade do domínio da informação e do conhecimento.

As três formas clássicas do poder internacional para Nye (2012) são: o realismo, que é visto através do poderio militar de um Estado; a economia global, que está se tornando cada vez mais multipolar, os Estados se impactam mutuamente pela economia internacional; e o aumento da participação de novos atores no sistema internacional como ONGS, o terrorismo e os próprios indivíduos.

Nye (2012) apresenta o conceito de *Smart Power*, que é a junção do *Hard Power* com o *Soft Power*: “As estratégias relacionam meios afins, e aqueles que combinam recursos do *Hard* e do *Soft power* com sucesso em diferentes contextos, acham a chave para o *Smart Power*” (Nye, 2012, p.11,

tradução dos autores). O *Smart Power* relaciona elementos do cenário nacional e do sistema internacional para enfim dar contexto à forma de como chegar ao poder.

Nye (2012) define cinco passos necessários para se alcançar esse tipo de poder: I) objetivos claros de política externa; II) definir quais são recursos disponíveis independentemente do contexto; III) sempre analisar as preferências e os recursos dos outros atores internacionais; IV) ter em mente qual é a melhor técnica, convencimento ou coerção; V) e analisar as várias perspectivas da ação que foi escolhida.

A internet é a ferramenta que melhor expressa a projeção de *Smart Power* de um Estado. Para Nye, a informação está mudando a natureza do que se entende sobre o que é o poder. Para o autor, o mundo está passando por uma “transição de poder” e uma “difusão do poder”. Nye (2012) afirma que o poder cibernético também está dividido em “*resources*” e “*behaviorial*”, que podem ser utilizados para produzir resultados comportamentais dentro do domínio da internet ou utilizar instrumentos cibernéticos – computadores, *softwares*, celulares, etc – para gerar resultados em outros domínios: “A informação cibernética pode viajar pelo ciberespaço para criar poder brando, atraindo cidadãos de outro país.[...] Porém, a informação cibernética também pode se tornar um recurso de força que pode danificar alvos físicos em outro país” (Nye, 2012, p. 59, tradução dos autores). O poder cibernético pode ser usado para *Hard* e *Soft Power*. A informação pode viajar a qualquer instante e para qualquer lugar do mundo através da internet, e vai muito além das barreiras físicas dos Estados.

Quadro 1 – As três faces do poder no domínio cibernético

PRIMEIRA FACE

(A induz B a fazer o que B inicialmente não faria)

Duro: ataques de negação de serviços, inserção de *malwares*, interrupções de sistema Scala, prisões de *bloggers*.

Brando: campanha de informação para mudar as preferências iniciais dos *hackers*, recrutamento de membros de organizações terroristas

SEGUNDA FACE

(A impede a escolha de B excluindo as estratégias de B)

Duro: *firewalls*, filtros e pressão sobre as companhias para excluir algumas ideias.

Brando: automonitoramento de ISPs e *sites* de busca, regras do ICANN sobre nomes de domínios, padrões de *software* amplamente aceitos.

TERCEIRA FACE

(A molda as preferências de B para que algumas estratégias não sejam nunca consideradas)

Duro: ameaças de punir *bloggers* que disseminam material censurado.

Brando: informações para criar preferências (como estimulação do nacionalismo e *hackers* patrióticos), desenvolvimento de normas de repulsa.

Para análise do populismo, será usada a terceira face do poder cibernético, o comportamental. A influência e a participação direta dos candidatos de direita e esquerda nas redes sociais abriram uma nova possibilidade de se fazer política. A prática populista perfura todo o processo político institucionalizado; os líderes são diretos com o povo, sem mediações. É um processo no qual são criadas preferências de modo que o povo se reconhece no líder. O populismo contemporâneo é complexo. A descrença nos processos políticos, os escândalos de corrupção e a massificação das redes sociais mostram-se terreno fértil para as simples e fenomenais soluções populistas.

3.2. Relações Internacionais no espaço cibernético

Em um mundo cada vez mais globalizado, a interdependência entre os Estados se torna inevitável. As redes sociais facilitam essa interação política, seja, no âmbito nacional ou internacional. E os novos atores populistas utilizam essa ferramenta para chamar a atenção do eleitorado e para se comunicar com outros atores políticos do mundo. Para Nye (2012), “em um mundo de interdependência global, a agenda da política internacional é mais ampla e todos parecem estar em ação” (Nye, 2012, p. 56, tradução dos autores).

A política externa populista nem sempre é isolacionista. No discurso popular de esquerda nota-se que alguns líderes podem quebrar barreiras nacionais, como, por exemplo, o governo Evo Morales, que buscou investir em acordos de cooperação internacional para o desenvolvimento regional. Porém, esse tipo de governo tende a recusar políticas neoliberais e as práticas de livre mercado. Seguindo, na política externa de um governo populista de direita pode ser notado um foco na soberania popular e também uma resistência à globalização cultural e econômica.

Embora em um primeiro momento alguns governos populistas parecem se posicionar de maneira mais resistente às agendas do sistema internacional, ao analisarem os benefícios da cooperação acabam cedendo espaço para a colaboração, por meio da qual é mais fácil e até mais rápido de conseguir seus objetivos e interesses nacionais. Para Albright & Woodward (2018, p.221), “na escala global, dificilmente há um desafio econômico, de segurança, tecnológico, ambiental ou ligado à saúde que um país esteja bem capacitado para enfrentar sozinho do que pelo esforço conjunto com seus vizinhos”. Assim, a política externa populista engloba uma variedade de temas e agendas do âmbito internacional.

A sensibilidade e a vulnerabilidade são condições da interdependência abordadas por Keohane e Nye (1998) Para o teórico construtivista Wendt (2014), “A interdependência é uma questão de grau, que depende da ‘densidade dinâmica’ das interações num contexto determinado; maior

densidade significa maior interdependência; a relação é direta” (Wendt, apud Tolossa, 2004, p. 32).

A interdependência e o construtivismo demonstram a importância da participação dos novos atores no sistema internacional e revelam que, além dos Estados, as instituições e os indivíduos passaram a ter voz nos debates das relações internacionais. As informações e as ideias compartilhadas assumem uma função primordial na construção da realidade dos agentes, levando em conta questões como identidade e os interesses. Atores e estruturas são mutuamente construídos, ou seja, a identidade, como quer Wendt (2014), só é construída a partir do momento que tem algo para se opor.

A convergência entre identidade nacional e política no espaço cibernético se conecta quando existe um modo de identificação coletiva em temas específicos, como políticas de migração ou indignação contra a velha política. Os níveis culturais e sociais também são importantes para a difusão do populismo nas redes sociais, que normalmente mostram do que o indivíduo e sua rede de contatos gostam. Segundo Wendt (2014), o processo de reconhecimento se fortalece no amor e no patriotismo. Os interesses dos Estados também são levados em conta, sendo que os de segurança são considerados reais “interesses objetivos” (Wendt, 2014, p. 28).

Para Wendt, “a distinção entre o *Self* e o *Other* é total, de tal forma que este último não tem valor intrínseco para o primeiro” (2014, p. 289). Essa lógica é percebida no ambiente nacional e internacional.

No nível internacional, a política populista no espaço cibernético é amplamente utilizada. Os interesses dos Estados nacionais são definidos e protegidos. Os fluxos migratórios, a ascensão de grupos extremos e as crises econômicas levaram os políticos populistas a formularem uma política externa específica. Ademais, para além dos novos atores que ganharam espaço no sistema internacional, Nye (2012, p. 56) explica que “muitos desses novos atores transnacionais afirmam agir como uma ‘consciência global’ que representa amplos interesses públicos além do alcance de cada Estado”.

Não importa o quanto os atores transnacionais cresçam em importância, não importa o quanto a autonomia dos Estados seja minada por regimes internacionais ou pela interdependência econômica, os Estados continuam tentando. [...] O sucesso contínuo pode depender, em últimas análises, de adaptações profundas em sua forma, mas a estrutura fornece a eles uma poderosa disposição homeostática que torna improvável o seu desaparecimento (Wendt, 2014, p. 293).

O Brexit mostrou como o espaço cibernético pode ser decisivo na política nacional e internacional de um país. O escândalo da análise de dados do *Facebook* feita pela Cambridge Analytica expôs que os perfis na internet foram usados como forma de persuasão para certos ideais políticos, atingindo eleitores específicos que eram respectivos ao *Exit* do Reino Unido (Wilie, 2018).

Assim é possível entender como as redes sociais são utilizadas para chamar a atenção dos eleitores não só durante a campanha, mas também durante o governo. O encantamento em ter um líder como “eu”, que age como “eu” e que fala como “eu” gera um sentimento de reconhecimento do “nós”, construindo uma identidade coletiva, como afirma Wendt (2014).

Os exemplos acima aconteceram em virtude do fenômeno que o Nye (2012) chama de “difusão do poder”, onde a difusão é a redução de um poder hegemônico, ou seja, os novos atores, como empresas, ONGs e principalmente indivíduos, passaram a ter mais voz dentro dos processos institucionais do país, o que possibilita que políticos populistas passem a fazer uso das redes para influenciar e incorporar o comportamento do eleitorado. É o uso das várias facetas do poder cibernético através do *Smart Power* pelos atores políticos para fortalecer ou minar democracias, criar predileções nacionais ou obstruir preferências.

3.3. Espaço cibernético na política nacional: o novo e o velho populismo

Política externa, questões econômicas e desemprego são os temas que mais chamaram a atenção dos eleitores americanos e brasileiros. O presidente Trump e o presidente Bolsonaro utilizaram, cada qual à sua maneira, ferramentas do espaço cibernético durante as campanhas para conquistar a confiança e o voto do eleitorado. Dentre as redes sociais atuais, o Twitter têm sido a principal forma de comunicação com a população por esses políticos.

As publicações são uma espécie de legitimação e publicidade das ações de ambos os presidentes aqui relatados. Acredita-se que eles possuam uma assessoria para cuidar de seus perfis oficiais, por serem figuras públicas e devido às suas agendas conturbadas. Entretanto, as trocas de mensagens hostis entre Trump e Kim Jon Um e de Bolsonaro e Macron revelam que os líderes brasileiro e estadunidense não limitam seus perfis ao uso de assessores, ignorando inclusive apontamentos de seus conselheiros. Assim, o espaço cibernético permite que essas figuras públicas falem por si mesmos, de maneira informal e menos polida (Portela, 2018).

A semelhança que se pode ver entre o populismo tradicional e o contemporâneo é que ambos se apropriam de um discurso antipolítico, polarizador, contra a velha política e *antiestablishment*: “Uma vez que os líderes populistas desejam legitimar o poder em sua pessoa, seu discurso normalmente é contrário a qualquer instância política que possa limitar seu poder, fundamentalmente os partidos políticos” (Carneiro, 2009, p.56).

Trump se apresentou como *outsider* político, um empresário bem-sucedido que reestabeleceria o poder dos Estados Unidos. Com um discurso diferente dos populistas tradicionais, apresentou-se como um homem de uma elite que está defasada (Moll Neto, 2018), confiando na percepção

popular contra as instituições clássicas.

[...]O discurso, Trump, diferente do que se espera dos populistas, não se apresenta como um homem ordinário que confia no senso popular e desconfia das instituições tradicionais. Ao contrário, Trump faz questão de se diferenciar do homem comum. E, suas críticas não se destinam às instituições tradicionais, mas, especificamente ao grupo político rival, que teria sequestrado as instituições. Na prática e no discurso, Trump não se apresenta como o homem do povo contra a elite. Mas como o homem da elite tradicional contra uma elite degenerada (Moll Neto, 2018, p. 30).

O caso Bolsonaro é diferente. Ele foi deputado federal durante os anos de 1991 até 2018 por meio de diversos partidos, sendo eleito presidente pelo Partido Social Liberal, que defende o liberalismo econômico. Entretanto, mantém o conservadorismo tradicional nas pautas sobre família, educação, a comunidade LGBTQI. No caso, não é um *outsider*, mas se apoiou no clima antipetista para conquistar os eleitores durante a campanha. Em um comício na capital do Acre, Rio Branco, Bolsonaro afirmou “Vamos fuzilar a petralhada toda aqui no Acre” (Exame, 2018), referindo-se aos partidários do Partido dos Trabalhadores (PT) e sendo aclamado por seus seguidores. Além disso, aproximou-se de diversos líderes religiosos, conquistando também indivíduos pelo lado da fé. No espaço cibernético, Bolsonaro usa o *Twitter* e o *Facebook* para compartilhar seus pensamentos com seus seguidores.

Com essa pequena análise dos dois presidentes nota-se uma certa diferença sobre o entendimento do que é e o que faz um político populista. O populismo contemporâneo, exemplificado aqui por Trump e Bolsonaro, pode ser entendido como uma mudança aos olhos do público que não se sente mais representado, despertando paixões, levantando uma nova forma de identificação. Trump e Bolsonaro chegaram como os defensores da política nacional que foi destruída por anos de governo de caráter mais progressista. A ilusão de proximidade criada pelas redes sociais tornou os dois acessíveis aos eleitores. O discurso polarizador que os dois expressam divide a sociedade dos dois países.

[...]O discurso de classe, por exemplo, quase nunca aparece de forma clara e articulada nas manifestações políticas desses líderes. Ao lado de outras divisões que por ventura prevaleçam na sociedade que atuam – como a língua, a etnia, ou a religião – as divisões socioeconômicas sofrem uma série de transformações semânticas com vistas à construção de uma identidade social unificada e abrangente que servirá ao líder em suas manifestações políticas (Carneiro, 2009, p.58).

No quadro apresentado abaixo será feito um estudo de quatro tuítes publicados pelos dois líderes sobre questões nacionais e internacionais, que serão analisados pela ótica construtivista. A construção da identidade coletiva, argumentada por Wendt, e o *hard power* e o *soft power*, que são propostos por Nye, são definitivos para as políticas nacionais e internacionais desses governos. Também permitem entender quais são as condições que definem os dois como populistas:

Quadro 1.2 – Políticas populistas de Trump e Bolsonaro no Twitter

Ambiente Nacional		
Políticos	Trump	Bolsonaro
Tuítes	MAKE AMERICA GREAT AGAIN! (@realdonaldtrump, 2019)	Presidentes com “postura” foram responsáveis pela destruição do Brasil que estamos reconstruindo. Enquanto se preocupam com palavras bonitas e etiqueta, esqueceram de pegar firme contra a criminalidade, a corrupção, a destruição da família e os ataques ao Brasil. (@jairbolsonaro, 2019)
Condições para a ascensão do populismo contemporâneo	Política	Ideológica e Social
Ótica construtivista	Criação de uma identidade coletiva contra o desemprego e a imigração	Alinhamento de interesses coletivos, no caso o sentimento contra o PT fortaleceu o presidente
Face de sustentação do poder cibernético no Smart Power	<i>Soft Power</i>	<i>Soft Power</i>
Ambiente Internacional		
Políticos	Trump	Bolsonaro
Tuítes	Kim tem uma visão excelente e bonita para seu país, e somente os Estados Unidos, comigo como Presidente, podem tornar essa visão realidade. Ele fará a coisa certa porque é esperto demais para não fazê-lo e não quer decepcionar seu amigo, o presidente Trump! (@realdonaldtrump, 2019)	Não podemos aceitar que um presidente, Macron, dispare ataques descabidos e gratuitos à Amazônia, nem que disfarce suas intenções atrás da ideia de uma "aliança" dos países do G-7 para "salvar" a Amazônia, como se fôssemos uma colônia ou uma terra de ninguém. (@jairbolsonaro, 2019)
Condições para a ascensão do populismo contemporâneo	Política	Ideológica e Social
Ótica construtivista	Redefinição dos limites do <i>Self</i> e o <i>Other</i>	Alinhamento de interesses coletivos. O “não podemos aceitar” une presidente e eleitores.
Face de sustentação do poder cibernético no Smart Power	<i>Hard Power</i>	<i>Soft Power</i>

Fonte: Elaboração dos autores com base em Wendt (2014) e Nye (2012)

A análise dos quatro tuítes acima mostra como é possível a utilização das redes sociais para a cria-

ção de uma identidade coletiva, um modo de identificação direta com os indivíduos que, de acordo com Wendt (2014), é necessária para as políticas nacionais. O poder cibernético também está presente nas ofensivas de Trump e Bolsonaro contra outros líderes políticos, demonstrando como a política externa é afetada por esse tipo de poder. O populismo presente em Trump surgiu devido a uma crise das estruturas políticas, personificando o poder. Já o populismo de Bolsonaro surge das condições ideológica e social. Na primeira condição abraçou as ideias e sentimentos do povo, usando um discurso de identificação. Na segunda condição fez uso da sua fé e de seus comportamentos simples para conquistar a população brasileira.

Considerações finais

Com a polarização política vivida nos Estados Unidos e no Brasil é possível notar que as eleições nesses dois países foram diferenciadas. As redes sociais foram uma espécie de palanque político para apresentação dos planos de governo, compartilhamento de ideias e uma forma de conquistar o eleitor que tenha certa predileção pelas políticas apresentadas. A personificação do poder político foi uma resposta às crises vividas nos dois países, onde Trump e Bolsonaro levantaram a bandeira da soberania e da mudança institucional.

Observando o populismo através da lente da teoria construtivista é possível notar que a construção de uma identidade coletiva é fundamental para a política populista. Tradicional ou contemporânea, ambas as vertentes necessitam criar um sentimento de identificação com o eleitorado. Nas duas campanhas houve a criação de um inimigo do povo, que está ali para roubar os empregos, tirar os direitos e atrapalhar a economia nacional. Ao se basearem nisso, Trump e Bolsonaro se apresentaram como os únicos que poderiam salvar o povo dos perigosos “*Others*”.

As condições para surgimento do populismo definidas por Albertazzi e McDonnell (2008, p. 26) revelam que o populismo pode tomar força através das mais diferentes formas. Nas condições ideológicas, o líder toma para si os anseios e pensamentos do povo e se identifica como parte integrante do povo. Na condição social, o líder compartilha alguma semelhança com o povo, seja religiosa ou até mesmo um trabalho comum, o que gera uma identificação social semelhante. Na condição política, a mídia é um grande condutor de notícias; os casos de corrupção e as crises econômicas e migratórias levantam novos debates sobre as estruturas do Estado, facilitando o aparecimento de políticos populistas.

O populismo, além de ser um instrumento de identificação, é também uma forma de o povo encontrar a sua voz. Os discursos dos líderes como Trump e Bolsonaro foram capazes de acender um sentimento de reconhecimento. As redes sociais facilitaram a comunicação, tornando-a mais

direta. O espaço cibernético é a nova ferramenta dos políticos populistas. Para Castells (2003), as redes sociais tornaram as relações mais comoventes.

A utilização das redes sociais pelos indivíduos despertou nos políticos que buscam o poder, a consciência acerca de uma nova estratégia de se fazer política. A democracia populista rompe com as políticas institucionais tradicionais. Segundo Carneiro (2009), esses políticos centralizam o poder no Executivo. A mídia e as redes sociais tornaram as campanhas mais direcionadas a uma parcela da população que tende a ser mais receptível às formas com que as narrativas são articuladas nas propostas abordadas por políticos populistas. O fenômeno populista mostra-se cada vez mais flexível.

A interdependência complexa e a teoria construtivista evidenciam que o mundo está e sempre estará em mudança. A globalização leva agentes e estruturas a desenvolverem discursos para a cooperação ou até mesmo discursos baseados em um patriotismo mais radical. Trump e Bolsonaro podem ser considerados populistas, mas não da forma tradicional, pois utilizam ferramentas modernas como a internet. Esse instrumento redesenha o populismo dentro da perspectiva do contato direto com seus eleitores e da identificação de conceitos e crenças, não mais apelando apenas para uma imagem comum entre governante e governado.

Trump não age como um populista comum. Seus tuítes mostravam que o presidente se colocava como salvador dos Estados Unidos. Excluindo, assim, em alguns dos seus discursos o “nós”, ele ataca o *establishment* e a velha política que era contra o povo. Trump centraliza o seu discurso no poder que ele detém e no que pode fazer pelo seu país e pelo país dos que seguem suas ideias, como no caso do Twitter sobre a Coreia do Norte. Os seus discursos são baseados no “eu, o salvador”. Trump utilizou a crise econômica e o embate entre as elites dos Estados Unidos e, somente por isso, pode ser retratado como populista. Trump foi eleito pela condição política do populismo. O próprio Trump afirmou que seu Twitter é de uso pessoal: “Meu uso de mídia social não é presidencial – é PRESIDENCIAL DOS TEMPOS MODERNOS. Faça a América Grande Novamente!” (Trump. @realdonaldtrump, 2019).

Bolsonaro usa o discurso direto com o povo para se fortalecer, atacando a imprensa, a elite. Usa um discurso conservador para agradar seus eleitores, que veem o ex-capitão do exército como uma pessoa humilde que fará uma nova política, por mais que ele já esteja há muito tempo neste ramo. Os tuítes do presidente do Brasil contêm a convergência do “nós vamos fazer um Brasil melhor”, ou seja, ele se reconhece na população como mostra o seu tuíte “O PRESIDENTE PODE MISTURAR POLÍTICA COM RELIGIÃO?: "O Estado é laico, SIM. Mas o Presidente da República é CRISTÃO, como aproximadamente 90% do povo brasileiro também o É." (Bolsonaro, @jairbolsonaro, 2019). Bolsonaro foi eleito pelo sentimento antipetista e por se colocar como alguém do

povo, levando a crer que venceu a campanha pelas condições ideológicas e sociais do populismo tradicional.

Assim, independentemente do partido político, a internet se revela uma nova arena política de atuação do agente contemporâneo. A possibilidade de projetar poder em um alcance nacional e internacional para um nicho maior de eleitores e de influenciadores torna esse ambiente cobiçado pela nova categoria de político que tem ocupado as grandes cadeiras dos governos do século XXI. No que tange ao eleitorado, essa conjuntura permite que este se sinta cada vez mais poderoso ao ter um contato direto com seu representante em uma democracia digital em constante desenvolvimento.

Referências

- ALBERTAZZI, Daniele; MCDONEELL, Duncan. Ed.(2007) **Twenty-First Century Populism: The Spectre of Western European Democracy**. Londres: Palgrave Macmillan.
- ALBRIGHT, Madeleine; WOODWARD, Bill. Ed. (2018) **Fascismo: Um Alerta**. São Paulo: Planeta do Brasil.
- AUST, Stefan; KRÜGER, Charlotte; SCHOLZ, Martin. (2019) Snowden: “A janela para debater nossa atitude ante a tecnologia está se fechando”, publicado em **EL PAÍS** [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/13/internacional/1568390496_167835.html]. Disponibilidade: 20/09/2019.
- BAUMAN, Zygmunt.(2001) **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, P. (2012) **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CAILLOIS, R. (1980.) **O mito e o homem**. Lisboa: Edições 70.
- CALDAS, Ricardo; PRIETO, Eduardo (2018) **As redes sociais como um novo parlamento, acessível a todos**, publicado em UNB Notícias [<https://www.noticias.unb.br/artigos-main/2606-as-redes-sociais-como-um-novo-parlamento-acessivel-a-todos>]. Disponibilidade: 21/09/ 2019.
- CAMPBELL, J. (2008) **Mito e transformação**. São Paulo: Ágora.
- CANOVAN, Margaret. (1999) Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy, publicado em **Political Studies**, [<https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-9248.00184>]. . Disponibilidade: 15/10/2018
- CARNEIRO, Gabriela de Oliveira Piquet. (2009) **A nova maioria: Determinantes do apoio político ao neopopulismo na América Latina**. Tese de Doutorado em Ciência Política, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Orientador: Prof. Dr. José Álvaro Moisés).
- CASTELLS, Manuel. (2003) **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar.
- COSTA, Camilla. (2013) Brasileiros ‘descobrem’ mobilização em redes sociais durante protestos, publicado em **BBC BRASIL** [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc]. Disponibilidade: 05/04/2019.
- OTTO, Rudolf. Ed. (2005) **Das Heilige**. Lisboa: Edições, 70.
- ELIADE, M. (2001) **O sagrado e profano**. São Paulo: Martins Fontes.

- ELIOT, T. S. (2011) **Notas para a definição de cultura**. São Paulo: Realizações.
- EVANS, M. (2003). The sacred: Differentiating, clarifying and extending concepts. *Review of Religious Research*, 45(1): 32-47.
- EXAME (2018). "**Vamos fuzilar a petralhada**", diz Bolsonaro em campanha no Acre. Publicado em: [<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>] Disponibilidade: 05/04/2021.
- HOPF, Ted. (2002) **Social Construction of International Politics: Identities & Foreign Policies**. London: Cornell University Press.
- JACKSON, Robert; SORENSEN, George. (2013) **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Zahar.
- KEESSING, F. M. (1958) **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- KEOHANE, Robert O; NYE, Joseph S. (1998) Power and Interdependence in the Information Age. **Foreign Affairs**.: [<https://www.jstor.org/stable/20049052?refreqid=excelsior%3A679a97b5bc412e-a646f898adb3e72efb>] Disponibilidade em: 20/08/2019.
- KORNHAUSER, William. (1960) **The Politics of Mass Society**. Chicago: University of Chicago Press.
- LARAIA, R. B. (2009) **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEFORT, Claude. (1986) **La question de la démocratie**. Essais sur le politique, XIXe – XXe siècles. Paris: Éditions du Seuil.
- MOLL NETO, Roberto. (2018) Populista “pero no mucho”: o populismo e Donald Trump. **Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais**, 1 (1):51-83.
- NYE, Joseph S. Ed. (2012) **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá.
- ONUF, Nicholas. (1998) Constructivism: A User's Manual”. In KUBÁLKOVÁ, Vendulka & KOWERT, Paul. **International Relations in a Constructed World**. New York: M. E. Sharpe, 64-232.
- OTTO, Rudolf. Ed. (2005). **Das Heilige**. Lisboa: Edições, 70.
- PANIZZA, Francisco. Ed. (2005) **Populism and the Mirror of Democracy**. Nova York/Londres: Verso.
- PORTELA, Lucas S. (2018) Geopolítica do espaço cibernético e o poder: o exercício da soberania por meio do controle. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, 5 (1): 141- 165.
- SCHUMPETER, J. A. (1984). **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar.
- TAGGART, Paul. (2000) **Populism**. Londres: Mcgraw-Hill.
- TOLOSSA, Natalia Valeria. (2004) **A Política Europeia de Segurança e Defesa e a Formação da Identidade Coletiva: O Caso do Reino Unido no governo de Tony Blair**. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais, apresentada ao Instituto de Relações Internacionais da PUC/RJ (Orientadora: Profa. Monica Herz).
- WEBER, Max. (1977) **Sobre a Teoria das Ciências Sociais**. São Paulo: Martins Fontes.
- WENDT, Alexander. (1994). Collective Identity Formation and the International State. *American Political Science Review*, 88(2), 384-396.
- _____. (2013) A anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da política de

poder. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, 3 (2): 420-473.

_____. (2014) **Teoria Social da Política Internacional**. Rio de Janeiro: PUC RIO.

WILIE, Christopher. (2018) O 'Brexit' não teria acontecido sem a Cambridge Analytica, publicado em **EL PAÍS** [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/internacional/1522058765_703094.html]. Disponibilidade: 05/04/2019